

O conceito de lexicultura no contexto de ensino de línguas

Lúcia Maria Assunção Barbosa¹, especial para a Página PGLA (abril de 2015)

O conceito de lexicultura, proposto por Robert Galisson (1987) aborda a cultura implícita em determinadas palavras portadoras de uma carga cultural compartilhada. Esse conceito deverá se tornar mais claro à medida que este texto avance. Em estudos efetuados em 2000, o autor propôs a substituição da nomenclatura “lexicultura” por “pragmática lexicultural”, por entender ser o termo mais adequado ao estudo dos signos em situação (de uso), ou seja, na relação que eles mantêm com os locutores e contextos de linguagem. Dessa perspectiva, trata-se de um procedimento de investigação que vai do fato lexicultural observável (o concreto) à ideia que está oculta ou subentendida (o abstrato). Desse modo, é possível aceder à cultura erudita, comumente abordada em sala de aula de línguas, para dar lugar à cultura cotidiana - quase sempre colocada em segundo plano - e abordar a relação lexicultural, a fim de garantir a dimensão pragmática das palavras, ou seja, o produto da relação que os locutores estabelecem com elas pelo emprego que dela fazem, numa espécie de dilatação do sentido.

No que se refere às relações entre língua e cultura, Robert Galisson (1991) pontua que a língua, ao definir-se como prática social e produto sócio- histórico, constitui o meio privilegiado de acesso à cultura, pois ela é, simultaneamente, veículo, produto e produtora de todas as culturas, conforme explicitado por mim em produções anteriores (Barbosa, 2007, 2008, 2009, 2013). Isso quer dizer que a língua produz cultura e a mantém no seu interior e funcionamento social.

Para Galisson (1991) palavras ou grupos de palavras, que em maior dimensão, sejam portadoras de uma implicação cultural são definidas como *palavras com cargas culturais compartilhadas*. Nessa perspectiva, o termo *carga* reenvia à ideia de suplemento ou adição a algum sentido central da palavra. O elemento cultural inscreve essa carga para além do sentido denotativo encontrado nos dicionários e confere a ela uma conotação singular (pragmática). É considerada *compartilhada* porque essa é a característica da cultura cotidiana enquanto produto e ação comunitária linguageira. O seu caráter implícito sustenta-se porque os locutores nativos não a percebem, embora dominem o uso e os seus significados.

A carga cultural compartilhada também resulta da associação automática de um lugar a um produto do costume, do comportamento, de crenças e superstições evocadas pela palavra. Ela caracteriza-se como um segundo conteúdo do signo agregado ao significado da palavra. Esse valor de complemento que é conferido ao significado não se confunde com ele e os falantes nativos distinguem, de forma intuitiva, o conteúdo (primeiro) de conhecimento (que é o significado), do conteúdo segundo de reconhecimento que é a carga cultural compartilhada. Ao conteúdo primeiro dado ao significado, Robert Galisson dá o nome de *conhecimento*. O segundo conteúdo - que é a carga cultural compartilhada – ele chama de *reconhecimento*.

Para concluir, exemplifico como esse mecanismo cultural pode ser reconhecido nas palavras – ou expressões – carregadas de outros sentidos culturais. Trata-se, portanto, da carga cultural compartilhada que, no contexto brasileiro, ganha corpo por

meio de nomes próprios, marcas de produto, objetos inanimados, animais e plantas, por exemplo:

- a) **Abacaxi**: A expressão “descascar um abacaxi refere-se a uma situação difícil de ser resolvido. A carga cultural compartilhada (o segundo conteúdo ou sentido) deve-se ao fato de que essa fruta possui uma casca difícil de ser retirada. “Ah, agora tenho que *descascar esse abacaxi!*”
- b) Ser **carne de pescoço**: refere-se a algo de qualidade ruim. Também pode referir-se a uma pessoa de dura, de difícil trato. Está relacionada à qualidade ruim da carne. Os versos da letra “Carne de pescoço”, do grupo Barão Vermelho, ilustram bem essa ideia.

*Baby, você marcou touca/Porque eu sou carne de pescoço/Você topou com um louco
Pra se livrar de mim/Vai ser fogo!*

- c) Ser **Amélia**: diz respeito ao estereótipo de gênero, especificamente àquele da mulher submissa, dedicada aos afazeres domésticos. Tal imagem foi criada a partir do samba “Ai! que saudades da Amélia”, composto por Mário Lago e Ataulfo Alves, em 1941. O trecho da composição “Amélia de você”, de Elena de Grammont e Eliane de Grammont mostra o uso dessa carga cultural compartilhada:

Cansei de ser Amélia/santa e boa/que esquece e que perdoa/os seus defeitos

Para saber mais sobre esse conceito acesse:

<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59812>

ⁱ Doutora em Estudos Portugueses, Brasileiros e da África Lusofônica pela Université Paris VIII (2005), onde também concluiu o Diplôme d'Études Approfondies (D.E.A), em 1999. Concluiu estágio Pós-doutoral na Universidade Federal do Ceará, com visita acadêmica na Universidade de Aveiro (Portugal) (2016-2017). É mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995). Licenciada em Letras (Português - Inglês) pela Universidade Federal de Mato Grosso (1984). É Professora Adjunta da Universidade de Brasília (UnB), onde leciona a disciplina Português para Estrangeiros. Faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UnB e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. É Pesquisadora do PICNAB: Projeto Internacional de Investigação Científica Nantes, Aveiro e Brasília. Também participa do Grupo de Pesquisa RIDER (Reseau International d'Études Romanes). Em 2016, atuou como professora visitante na Université Paris VIII (França). Possui experiência na coordenação, aplicação e correção do Exame Celpe-bras. É representante oficial de Português para Estrangeiros - da UnB - junto ao Programa Idioma sem Fronteiras, no MEC. É coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refúgio - ACNUR), na UnB. Atua principalmente nos seguintes temas: Português para Estrangeiros (PLE); Português Língua de Acolhimento (PLAc); Português como Língua Não Materna (PLNM); Migrações internacionais contemporâneas; Cultura e ensino de línguas, Lexicultura, Ensino-aprendizagem de línguas; Interculturalidade, Educação para as relações étnico-raciais.